

CMDCA INFORMA



30
anos do
eca

EDIÇÃO ESPECIAL

**Informativo eletrônico do Conselho
Municipal dos Direitos da Criança
e do Adolescente - CMDCA-Rio.**

Edição · 24
Agosto/2020

Nosso endereço: Afonso Cavalcanti, n 455,
sala 663, Cidade Nova- RJ

www.cmdcario.com.br
cmdcario@gmail.com

COMBATE AO RACISMO: TODOS TEMOS QUE FAZER A NOSSA PARTE!

Mais de 100 anos passados desde o fim da escravidão, um abismo parece separar negros e brancos no Brasil. Pretos e pardos representam 56% da população. Mesmo assim, segundo dados que constam no estudo Desigualdade Social por cor ou raça no Brasil, divulgado em novembro de 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que quase metade dos negros no Brasil vive em domicílios sem ao menos um serviço de saneamento básico, como esgotamento doméstico ou acesso a água potável. O problema afeta toda a população. Mas, entre brancos, esse percentual é muito menor: menos de 28%. Há mais negros desempregados que brancos. Negros são maioria entre os analfabetos. E, apesar de ter aumentado o número de estudantes pretos ou pardos no ensino superior (em 2018, eles passaram a representar 50,3% dos alunos matriculados em universidades públicas), as chances de um jovem negro cursar uma faculdade ainda são bem menores que as de um jovem branco: em 2018, 80% dos brancos entre 18 e 24 anos que estudavam estavam na universidade. Entre os negros, esse percentual caía para 56%.

Individualmente, o brasileiro tem o costume de dizer que não é preconceituoso, mas está convencido de que vive em um país no qual as pessoas são discriminadas em função da cor da pele. É fato que o preconceito é uma marca comum no cotidiano das pessoas. Está nas casas, nas escolas e no ambiente de trabalho. Dados preliminares de uma pesquisa inédita do Instituto Data Popular põem à prova o mito da democracia racial. O estudo mostra que, apesar de 92% dos brasileiros acreditarem que há racismo no país, somente 1,3% se considera racista.

JOVENS E NEGROS: AS MAIORES VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios, de acordo com informações do Atlas da Violência 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência.

O combate ao racismo e a desigualdade de oportunidades é uma questão urgente no país. Lembrando a famosa frase da intelectual e ativista estadunidense, Angela Davis: “Numa sociedade racista, não adianta não ser racista, nós devemos ser antirracistas”. Este é um compromisso que deve ser diário e que se expressa de diferentes formas: na cobrança de políticas públicas que combatam a exclusão da população negra; na valorização do conhecimento gerado por intelectuais negros; na valorização da beleza da negritude. E na compreensão urgente de que a luta antirracista não pode ser exclusiva da população negra. Ela cabe a todos e todas e é essencial para a construção de sociedades justas e democráticas.

Por crer na importância desta luta, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA-Rio) trouxe o tema numa edição especial de seu Informativo de agosto, entendendo que quanto mais se discute o assunto, mais é possível conscientizar as pessoas sobre a importância de se adotar posturas antirracistas. Aqui, apresentamos uma entrevista com o professor Renato Nogueira e um artigo com a professora Glória Ramos, além de apresentar uma enquete com depoimentos de pais negros que relatam como o racismo atingiu suas famílias. Por último, trazemos um artigo da jornalista Soraia Melo sobre a infância para celebrar a data comemorada neste mês. Desejamos boa leitura a todos!



ARTIGO:

ASPECTOS INVISÍVEIS DO RACISMO ESTRUTURAL

*Por Glorya Ramos,
professora de matemática e professora adjunta FEBF/UERJ*



Como o próprio nome diz o racismo é estrutural. Ele está na estrutura da sociedade, melhor dizendo, ele estrutura a sociedade, alicerça, sustenta o modo de viver da sociedade, do povo. É um mal. Conviver com o racismo é como conviver com um câncer, vive-se, convive-se e até existem momentos de paz dentro dessa doença, ainda sem remédio, sem meios de evitá-la, mas, contudo, atenuá-la, como uma forma de buscar diminuir seus efeitos nefastos, perversos, dolorosos, a fim de garantir um convívio social razoável, porque ele está ali, o racismo, como o câncer, silente, deteriorando sempre as relações sociais. Silene, invisível, doente, permanentemente estrutural. Atravessando a sociedade ele se funda, se apresenta, se institui e como estrutural ele atravessa as instituições, organismos sociais, assim ele se institui e constitui no que entendemos por racismo institucional. Mas como todas as formas doentes e perversas de racismo ele, por vezes, é explícito como nos regimes de apartheid ou oculto, implícito como nas sociedades que se caracterizam como democracias raciais, como é o nosso caso no Brasil. Este ideário da democracia racial já foi revelado, desvelado e já caiu por terra. O Brasil não foi e não é uma democracia racial e o racismo aqui acontece numa das suas versões mais perversas, aquela que não se deixa capturar, posto que é silente e invisível, tal como o câncer. É preciso querer conhecer, conhecer-se, ver-se doente para buscar a cura. E aí reside sua sutileza. Ninguém se admite racista, mas todos conhecem alguém racista. Então, onde se esconde o racismo?

O racismo institucional é uma vertente das possibilidades para o racismo se exercer, por exemplo, pelo fato de precisarmos de reserva de vagas para que negros e negras tenham acesso ao ensino superior. Jovens negros e negras tão inteligentes e capazes como jovens não negros. Será pela existência do racismo? Que matemática, por exemplo, aprendem ou não aprendem jovens negras e negros que os desabilita para a disputa de uma vaga na universidade pública? Haveria uma educação pública reservada para negros e negras? Só é possível compreender essa realidade a luz da compreensão do racismo institucional, que entende que nenhum agente isoladamente se vê racista, mas a instituição permite que exista uma configuração mais branqueada nos espaços de mais status bem estar social.

Leituras como do mapa das desigualdades, desagregados por cor/raça, nos permitem verificar que a pobreza, a fome e a violência têm cor. Essas mazelas incidem sobre a população negra que vê nas suas mulheres, crianças e jovens os segmentos mais vulnerabilizados.

Falar de direitos humanos ou civis não pode prescindir de falar sobre o racismo, essa chaga estrutural e estruturante da sociedade brasileira. E assim reproduzindo o mote da campanha (2006), convido a reflexão sobre “onde você guarda o seu racismo? Não guarde, jogue fora.





ENTREVISTA:
Com Renato Nogueira,
Doutor em filosofia
e professor da UFRRJ



ENTREVISTA

1 - A violência contra negros aumentou ou está mais visível?

Sem dúvida está mais visível porque todo o processo colonial, o racismo estrutural e o racismo ao longo da história da humanidade é um sistema que opera através da violência. Então, há mais visibilidade em um mundo de cultura digital.

2 - Como combater o racismo?

Existem várias abordagens em relação ao combate ao racismo. Dentro de uma certa perspectiva teórico-política uma maneira é através de políticas públicas de ações afirmativas. Existem outras perspectivas que entendem o racismo como fenômeno histórico e é muito difícil de vencê-lo, porque a gente não consegue com legislação combater algo que é de ordem política e inconsciente, um longo processo coletivo e está presente em um longo período da humanidade, que não conseguimos combater só com legislação. Porém, as leis são importantes e necessárias, mas talvez não sejam suficientes. A gente precisa de um processo de intervenção na maneira como a gente entende a sociedade e como vive. Tem que mudar o modelo civilizatório para vencer o racismo e o patriarcado opressivo, a misoginia, a discriminação a população LGBTQI+. Com as leis podemos diminuir o impacto, mas é algo que não se combate só por decreto. Estamos diante de uma premissa: a democracia é inviável num contexto racista.

3 - Em uma conjuntura de racismo estrutural, como branco pode ajudar a combater o racismo?

É importantíssimo que as pessoas brancas tenham consciência de um privilégio. Elas devem partir de uma ideia que precisam ser racializadas. Elas têm que se enxergar como pessoas brancas.

As pessoas se enxergam como humanas pura e simplesmente e isso atrapalha por não dar dimensão do processo. Elas precisam se enxergar como pessoas brancas, que têm muitos privilégios por serem brancas e entenderem que muitas coisas que elas vivem e fazem é em virtude deste privilégio.

Deve-se pensar em como estes privilégios se montam, como estas coisas são estruturadas. A partir disso, pode-se pensar que existe um diálogo diferente entre as pessoas brancas, em que se pode falar para o outro sobre o racismo que pratica. Ou seja, falar isso sem constrangimento. A pessoa branca pode contribuir apontando como ela vive certos privilégios. Vai ser mais fácil entender quando uma pessoa branca fala do que quando isso é dito por uma pessoa negra ou indígena. É importante ter a dimensão de como o racismo opera. Além do diálogo com outras pessoas brancas, ela se situa da maneira como as coisas se dão. Saber que existe uma hiperepresentação dos corpos brancos nos meios de comunicação. É importante que o tema racismo tenha pessoas brancas comprometidas com a democracia, com programas antirracistas e se coloquem no debate publicamente e em dizer que ela não faz coro com esse silenciamento em torno do tema, com a invisibilização negra. Não tem como enfrentar o racismo sem que haja uma parceria com as pessoas brancas numa sociedade multirracial como o Brasil

4 - Como a educação pode combater o racismo?

A educação ajuda, mas ela não resolve à medida que informação e conhecimento não são fatores que dão conta. Existe um fato que é da ordem do inconsciente ou do desejo. Por exemplo, a gente acreditar que só o conhecimento resolveria, teria casos de Prêmio Nobel da Paz, que são acusados de terem práticas racistas ou pessoas da área de ciência ou acadêmica serem pegos em atos explícitos de racismo. Educando só, o intelecto não dá conta. Tem que fazer uma educação do corpo e das práticas de vida. Isso é um assunto de grande complexidade. Tudo o que aprendemos é praticar o racismo. Assim como as pessoas brancas aprenderam a ter privilégios. Além de uma educação, que é da ordem do conhecimento, nós devemos ter uma educação com outras atividades para resolver. Mas é inegável que tem que se fazer uma educação antirracista e trazer à tona um currículo estruturalmente antirracista. Isso passa também por educação midiática, uma formação consistente, mas temos que ter consciência que não temos garantias que em uma ou duas gerações a gente consegue ter um impacto radical, que vem só a médio e longo prazos. E quanto mais demora para começar, mais demora para conseguirmos o resultado.

COM A PALAVRA



NESTE ESPAÇO MOSTRAREMOS DEPOIMENTOS DE MÃES E PAIS NEGROS QUE RELATAM SUAS EXPERIÊNCIAS COM O RACISMO, ASSIM COMO DE QUE FORMA ISSO ATINGE SEUS FILHOS. SÃO RELATOS FORTES E TOCANTES QUE INDICAM A TODOS NÓS COMO O RACISMO VEM SE PERPETUANDO POR GERAÇÕES.

***M. C. C., 51 ANOS, PEDAGOGA**



“O maior receio na mulher negra é engravidar; é o medo da violência por conta da cor da pele dos filhos. Infelizmente, nós fomos educados a não nos amarmos, além de não ver beleza na cor preta. Então, quando a mulher passa por esse momento de se tornar mãe, uma das preocupações é justamente quanto ao filho, um cidadão negro, tanto mulher quanto homem, irá sofrer por conta da cor da pele. Esse é um agravante e uma situação que nos perturba e nos faz repensar diversas vezes, quando você tem consciência racial e enquanto isso é uma problemática.”

***G. F. O., 49 ANOS, PROFESSORA**



“A minha filha mais velha, quando tinha 5 anos, estudava numa escola de ensino infantil e lá não tinha tantas crianças negras e foi ali que demos de cara efetivamente com o preconceito. Ela estava brincando e uma amiguinha disse que não brincaria com ela porque era negra. Só que a gente conversava muito em casa a respeito da cor dela, da beleza dela, dos valores que ela deveria carregar. Ela passou bem por isso por ser uma criança, pois respondeu para garota que os pais a amavam, que a família a amava e perguntou para a amiguinha se a família dela também a amava? Mas ali tivemos o primeiro choque para uma criança de cinco anos.”

***R. M. S., 47 ANOS, GERENTE DE PESQUISA E AVALIAÇÃO**

“Assim que meu filho nasceu, uma vizinha me perguntou por que você não faz uma escova de chocolate para o cabelo dele não ficar enrolado? Por que não coloca um prendedor de roupa no nariz dele pra não ficar tão grande?”



COM A PALAVRA



NESTE ESPAÇO MOSTRAREMOS DEPOIMENTOS DE MÃES E PAIS NEGROS QUE RELATAM SUAS EXPERIÊNCIAS COM O RACISMO, ASSIM COMO DE QUE FORMA ISSO ATINGE SEUS FILHOS. SÃO RELATOS FORTES E TOCANTES QUE INDICAM A TODOS NÓS COMO O RACISMO VEM SE PERPETUANDO POR GERAÇÕES.

***L. S., 21 ANOS, ATLETA**

“Eu já sofri preconceito na presença da minha filha. Eu juntei dinheiro para levar minha família num restaurante em Copacabana e os garçons não me atendiam. Chegavam novos clientes e eles me ignoravam. Daí chamei o garçom, pedindo por favor e fui destrutado. A gente quer frequentar um lugar maneiro, ter um dia agradável, levar a família para sair e acontece uma situação dessa. Foi muito constrangedor e sinto que por muitas vezes ainda minha filha vai se deparar com situações como essas, pois o pai dela é negro.”



***M. A. A. S., 41 ANOS, PROFESSORA**

“Meu filho até hoje não questionou algo relacionado ao racismo, mas sempre que assistimos alguns documentários que falam do assunto, ele fica muito chateado por não entender como os seres humanos se tratam dessa forma. Como educadora, faço minha parte acolhendo e ensinando aos meus alunos de uma forma sutil, o quanto o amor, carinho e o respeito podem nos fazer pessoas melhores a cada dia.”



***L.M.O., 40 ANOS, AGENTE DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

“É aquela história. Se olha para uma criança não branca e não se vê uma criança. O racista a vê como alguém para servi-lo ou como alguém que não está ali. Ou seja, como algo invisível. Ela é repreendida, culpabilizada e agredida ao invés de ser compreendida. Duvido se fosse uma criança branca teria passado por situação igual.”



***os nomes dos pais não foram identificados para que seus filhos, crianças e adolescentes, fossem preservados.**

ARTIGO:

A VOZ DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Por Soraia Melo

Jornalista, Mestre em educação e integrante de projetos de primeira infância do CECIP.



Você já parou pra pensar qual a cara das infâncias no Brasil? Em quais condições nascem as crianças, como vivem e onde moram na cidade do Rio de Janeiro? Os dados sobre as crianças de 0 a 6 anos são insuficientes para conhecermos a fundo a chamada "primeira infância", fase fundamental para o desenvolvimento humano.

No mês de agosto, no dia 24, é comemorado o dia da infância. Assim como as perguntas que abrem esse texto, a data tem por objetivo promover uma reflexão sobre as condições em que as crianças vivem e garantir que seus direitos sejam assegurados, assim como as oportunidades necessárias para seu pleno desenvolvimento, segundo o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que completou 30 anos em 2020.

Em 2016, o país conquistou um importante avanço com o Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016), que trouxe princípios e diretrizes para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas a crianças de até seis anos de idade, considerando as diversidades de raça, gênero, cor e situação socioeconômica, com o objetivo de proteger as crianças e reduzir as desigualdades. Além disso, foi também o reconhecimento de que os primeiros mil dias, compreendendo a gestação e os dois primeiros anos de vida, representam um período fundamental para o desenvolvimento das experiências e afetos de cada criança.

O Rio de Janeiro, por meio de um grupo de trabalho do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, em uma articulação entre sociedade civil e diferentes setores da administração municipal elaborou em 2013 um Plano Municipal pela Primeira Infância-PMPI que tornou-se referência nacional por incluir em sua redação a escuta de crianças sobre como percebem a cidade e o que gostariam que fosse diferente.

Desde 2017, o GT pela implementação e monitoramento do PMPI, do CMDCA, no Rio de Janeiro, tem alternado representantes da sociedade civil e das secretarias do governo com o intuito de identificar metas tangíveis nos 5 eixos do Plano no esforço de atualizar dados sobre essa primeira infância invisível, já que muitos dados são calculados segundo o último censo de 2010.

Encontros e ações integradas para com o objetivo de dialogar sobre como nascem os bebês, reduzir as violências obstétricas, identificar formas de melhorar o acompanhamento às gestantes no pré-natal, reduzir as taxas de mortalidade infantil, valorizar e reconhecer os profissionais especializados no atendimento às crianças até seis anos e fortalecer a ideia de um olhar integral que inclua, por exemplo, a saúde, a educação, a assistência social e o direito de brincar em espaços seguros e adequados, oportunizando a escuta e o acolhimento da voz dessa primeira infância tão diversa.



ACONTECE

DOAÇÃO AO FUNDO



Fundo Municipal para Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente (FMADCA) beneficia, através de doações dedutíveis do imposto de renda, programas e projetos de atenção a crianças e adolescentes do município do Rio de Janeiro, nas áreas de educação, saúde, cultura, esporte e lazer.

Você também pode ajudar fazendo a sua doação!

DOE!

Proteger crianças e adolescentes
é responsabilidade de todos!

Banco do Brasil

Agência: 2234-9

Conta Corrente: 8.850-1

CNPJ: 14.414.144/0001-07



Informações: www.cmdcario.com.br
cmdcario@gmail.com | (21) 2976-2993

PARTICIPE DO NOSSO INFORMATIVO

Mande suas sugestões, críticas ou elogios para
contato@cmdcario.com.br.

Crianças e adolescente também podem participar
contando a sua história.